

Comparecer no conflito: relato sobre a fala de Cayo Honorato para o Seminário *Mediação: Diálogos Expandidos* no Museu Mineiro¹

Por João Paulo Andrade



Outros Contos #7, Theo Firmo (2011)

O Seminário *Mediação: Diálogos Expandidos* é uma proposta de legitimação e apresentação da iniciativa do Museu Mineiro para dar corpo e densidade às novas ações educativas do museu, em uma situação que estabelece segundo as palavras dos organizadores, uma relação com a cidade, com a necessidade de adensamento dos debates sobre os programas educativos e suas práticas, e de trazer um arejamento ao diálogo graças à diversidade das formações e experiências dos palestrantes e dos temas tratados. Neste

¹ Minha opção neste relato é menos descrever uma fala e mais compartilhar suas reverberações. Isto posto, o número de perguntas sem respostas definitivas aqui levantadas, é sintomático.

sentido Cayo Honorato, ao ser convidado para uma fala sobre mediação, museu e educação, inicia problematizando uma pretensa relação necessária entre os termos, dividindo sua fala em dois momentos que tencionam qualquer vocação natural da mediação para a educação – caberia compreender em que momento e a partir de que mecanismos os dois termos se encontram, confrontando as instituições culturais que se pretendem produtoras do que se considera mediação cultural com o contexto de sua exterioridade.

Se a partir de um esforço conjunto tentássemos definir os papéis de cada sujeito no processo de mediação cultural em todas as suas instâncias, práticas, manifestações, relações, enfim, em toda a sua multiplicidade, perceberemos que as dificuldades de definição são intrínsecas ao campo onde a mediação deve atuar. A partir de um texto de sua autoria (*Mediação e Democracia Cultural* disponível em http://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/media_o_e_democracia_cultural/1) Cayo Honorato inicia um tipo de arqueologia do termo: o surgimento de certo tipo de mediação – aquela que se dá em espaços culturais, se dá a partir da negação ou afirmação de valores em algum momento instituídos? Que valores são esses? Como esse espaço vai se delimitando na medida em que o campo se alarga agregando e excluindo definições?

O sentido do termo mediação é revelado na medida em que são reconhecidos os campos em que ele se inscreve – é um movimento de *olhar para fora*. As questões são respondidas nos encontros com os públicos e é nesse espaço em certa medida obscuro que os entendimentos vão gerando mais conflitos e questões. Há sempre algo esperando para escapar. Se fosse possível pensar em um habitat natural para a mediação este seria um lugar escorregadio, liso (pensando na imagem proposta por Deleuze) onde a fluidez dos movimentos além de desejada é inevitável. Deste modo não caberia aos sujeitos conter esse movimento mas ao invés disso, *mover-se com e através dele*.

Em um primeiro momento é proposto que nós, professores e mediadores (ou profissionais da educação formal e informal, respectivamente e de maneira geral), respondêssemos a pergunta sobre o que esperamos do outro: professores de mediadores, mediadores de professores. Na diversidade das respostas fica manifesto o desejo pela plenitude do encontro – em sua efemeridade, em sua multiplicidade, em sua indefinição. Na relação singular com o próprio encontro naquilo que ele traz de

obscuridade cada sujeito só pode falar do lugar que lhe cabe, do lugar que lhe determina o olhar.

A ação tem um interessante eco na fala de Renata Mara, palestrante da segunda parte do dia²: se existe uma relação tão imediata com o olhar, com aquilo que os olhos apresentam no ato imediato de ver, como é possível se certificar de que esse olhar primeiro, superficial e geral vai solicitar enquanto dimensão crítica, um segundo, terceiro, infinitos olhares? Como assumir a cegueira inerente a cada um de nós? A (des)construção do olhar é pauta de nossas conversas quando pensamos as ações para o público, mas em que momento adotamos esse gesto e o trazemos para o reconhecimento daquilo que somos e representamos (inclusive para o outro)?

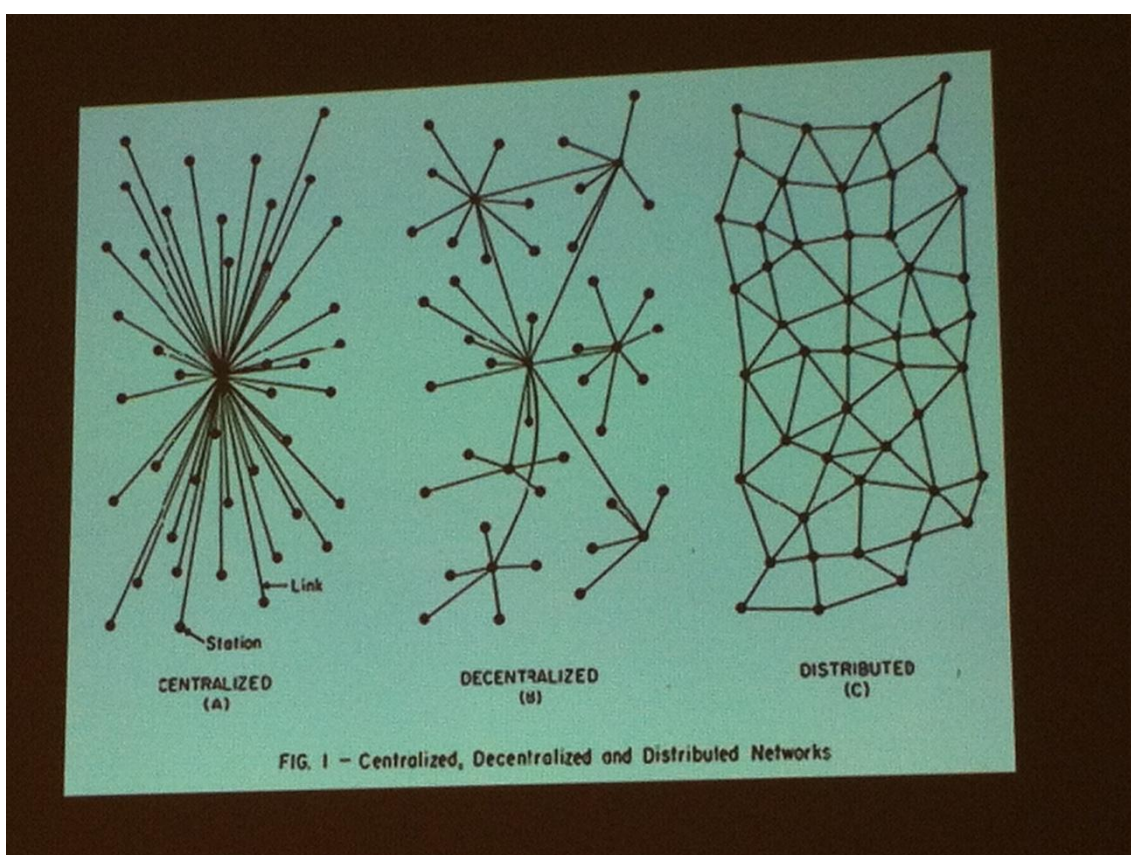


Imagem trazida por Cayo Honorato como ilustração da relação por ele proposta sobre a hibridização e a descentralização dos referentes culturais.

De volta ao problema da definição e da delimitação de territórios de atuação, a conversa parte de uma expansão do termo que se deve ser explorada no que diz respeito a mediação em espaços culturais: o mediador é aquele que transita entre *diferentes campos culturais*. Por isso a

² A fala de Renata Mara sobre Mediação, corpo e inclusão traz um debate a respeito das diferentes relações que a mediação proporciona de acordo com as especificidades dos sujeitos envolvidos no processo – no caso da pesquisa da palestrante a cegueira ou a baixa visão.

necessidade de pensar o problema da mediação sob um ponto de vista sociocultural, para além das particularidades de disciplinas específicas. São as zonas de contato, hibridação e confronto que indicam as possibilidades territoriais da mediação cultural. Como fazer coabitar produções culturais díspares ao invés de atuar sob uma sobreposição das mesmas?

Tendo como dado um contexto de *Hiperprodução Cultural Distribuída* (atribuição trazida por Cayo), ainda há sentido em uma polarização excessiva dos saberes, das referências e sobretudo das suas produções? O que essa polarização revela? Quando Democratização Cultural se identifica com Colonização Cultural? É desejável que o público compareça aos espaços culturais, onde terá acesso (mediado) a conteúdos com os quais não teria contato sem esse encontro. Mas quais são as responsabilidades de um programa ou ação em mediação cultural no sentido de tornar esse encontro bilateral? Qual é o compromisso dos espaços para tornar legítima, dar voz, visibilizar a produção cultural da margem?

E pensando no nível das micro relações que se estabelecem *no interior* dos espaços culturais e da sua distribuição de pensamento: em que medida é possível pensar em *produção de pensamento* sobre os processos e ações em mediação quando são desconsideradas as individualidades e os diversos sujeitos no processo? Como fazer com que as vozes dos sujeitos individuais e coletivos sejam ouvidas em um plano horizontal e de fluxos equitativamente legitimados?